A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal 195 — S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salomão, 3-D (Sobrado) — Junto ao Largo da Sé

ANNO I -:- NUM. 4
30 de Junho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimentro de columna

Cortezia oriental

E' inegavel que esta guerra tem sido fecunda em surpresas de toda a casta. A ultima e, de certo, a mais maravilhosa de todas era a que o Japão, o astuto e semi-barbaro Japão nos tinha reservado a nós, homens do Novo e Velho Mundo.

O Japão teve um gesto de magnanimidade oriental: offereceu á Russia os seus serviços e a sua experiencia para organizar a democracia neste paiz. Isto parece fabula ou reminiscencia de velha historia asiatica, mas, ao que parece, não ha nem fabula nem historia, e sim o facto, o facto contemporaneo, dos nossos dias e da era da graça de 1917 (III da Grande Guerra).

E' isto o que os telegrammas affirmavam, ha poucos dias.

Ao ler-se a noticia, dá naturalmente vontade de rir, porque a chalaça é bôa e tem o cunho do Oriente. Mas esta é a primeira emoção. O riso, que começava a esboçar-se e contrahia já as primeiras linhas da face, detem-se subitamente e subitamente morre, e a nova emoção, bem differente da primeira, faz-nos agora sorrir, um sorriso que é menos que um ligeiro entreabrir de labios e onde, quem puder ver, descobrirá sem esforço todos os sorrisos humanos, menos um: o da sympathia.

Realmente, o gesto do Jopão merece este sorriso. E merece-o não pelo Japão em si, que delle, certamente, não tem a culpa, mas pelo que este gesto representa e exprime.

O gesto do Japão (será preciso dizel-o?) foi ordenado pela Inglaterra e pela França e exprime toda a infamia e a abominavel covardia de que são capazes os governos destes paizes. O fim da França e da Inglaterra não é organizar democraticamente a Russia, mas esmagar as tendencias pacifistas dos seus revolucionarios, socialistas e anarchistas. O fim da Inglaterra e da França é suffocar a revolução e estrangular os agitadores, forçando a Russia, cujo povo quer a paz, á continuação de uma guerra que não deseja nem estima.

O povo russo (será preciso recordal-o?) é visceralmente contra a burguezia franceza, que, com razão, abomina e despreza. A burguezia franceza é a mais infernal das burguezias, a mais orgulhosa e barbara, insolente e vingativa, com a circumstancia de que estas lindas virtudes ella as disfarça com aquillo a que outros chamam pollidez e boas maneiras e nós chamamos, simplesmente e naturalmente, hypocrisia.

Não será preciso recordar tambem que foi com o ouro desta burguezia que o imperio russo esmagou todas as revoluções do seu povo, e perseguiu e exilou e enforcou os revolucionarios que trabalhavam para a libertação deste povo.

Isto está na memoria de todos, mas está, sobretudo, na memoria e na alma do povo russo. Por isso esperamos que este povo se defenda e lute, mais contra as insidias e traições e velhacarias da burguezia russa e alliada, que contra os perigos do imperialismo germanico, certamente estupido e imbecil, mas não mais imbecil e estupido que o imperialismo francez e inglez, e, sobretudo, muito menos real que estes dois.

Roberto Feijó.

Um só assassinio faz um scelerado; milhares de assassinios fazem um heroe.

Erasmo.

O BRAZIL NA GUERRA

O ULTIMO PEDAÇO DE PÃO

Jubilo reaccionario

AI! DELLES, PORÉM...

O *Correio da Manhã* rejubilou-se com a decisão inconstitucional da Côrte de Appellação do Rio de Janeiro negando aos nossos companheiros dali o direito de fazer comicios na praça publica.

No entanto, quando o Supremo Tribunal Federal, ha annos, declarou em accordão que ninguem póde ser impedido de exercer o direito de reunião, garantido pelo § 12 do art. 72 da Constituição, foi o mesmo jornal de Edmundo Bittencourt o que, mais ardorosamente, applaudiu a decisão do mais alto tribunal do paiz.

Não serão, entretanto, decisões occasionaes de juizes sem dignidade que impedirão a nossa propaganda. No Rio, como em paizes onde a tyrannia quiz abafar os protestos do povo explorado, o menos que póde acontecer, si essa compressão das liberdades publicas a serviço dos interesses dos ladrões e exploradores continuar a ser posta em pratica, é provocar um levante popular de consequencias funestas para a classe dominante.

Na Russia o czar autocrata foi desthronado, apesar dos milhares de rebeldes que mandou enforcar ou desterrar nas ilhas Sakallinas, e os operarios e soldados, num grande movimento reivindicador, estão destruindo até os alicerces da tyrannia.

A hora é propicia para as reivindicações humanas.

O mundo moderno, depois da guerra, não poderá ser a continuação da sociedade presente, condemnada pela sciencia, condemnada pela justiça e execrada pela razão.

O militarismo inutil será abolido porque a guerra trará como consequencia logica e inilludivel o desarmamento geral do mundo.

E, então, quando a burguezia não tiver mais o povo feito soldados para garantil-a contra a classe trabalhadora explorada e espoliada, chegará o momento do ajuste de contas.

Será *la lutte finale*, como vibrantemente canta já o povo francez entoando nas ruas que ouviram em 89 a *Marselheza*, as estrophes vingadoras da *Internacional*.

Ai! então dos jornalistas vendidos, que recebem as moedas azinhavradas e o ouro da burguezia e de todos os governos, para se anteporem aos sagrados interesses do povo esfomeado que clama por justiça.

Jean Roule.

Para os operarios, a patria é um fardo; para os capitalistas, é um emprego de capitaes...

Francisco Delaisi.

O DESERTOR

O heroismo das batalhas é um heroismo secundario, de matar para não morrer, de matar e morrer porque lhe ordenam matar e morrer.

O desertor é um homem infinitamente mais heroico que o soldado, ex-homem fardado, que a machina da guerra transforma, aniquilla, absorve. Veja-se a differenciação essencial e absoluta que separa o operario do soldado. O operario, diante da machina da industria, é o mestre, é o musculo consciente, é o cerebro: domina-a, guia-a, subjuga-a, com o fim criador da producção, que é a vida. O soldado, diante do canhão, é por este empolgado, assimilado, automatizado, deshumanizado, com o fim guerreiro da destruição, que é a morte. Ora, o desertor é um homem que não quer ser soldado, que não quer deshumanizar-se, que quer continuar a ser homem. E é mais heroico do que o soldado, porque não quer deixar de ser o que é, defendendo a sua personalidade, a sua qualidade de homem, contra a sociedade inteira, que o condemna, do seu preconcebido e feroz ponto de vista legal.

A lei pode fuzilal-o: fuzilará um homem que a affronta, elle só, sem attitudes para a gloria dos bronzes, com uma coragem simples e altissima, com o supremo e abnegado heroismo de quem se sabe fatalmente vencido, sem esperança de nada — maldito, execrado, diffamado, mas apesar de tudo, contra tudo, affirmando integralmente o seu eu.

Astrogildo Pereira.

Gréves symptomaticas

Não ha muito, o operariado russo reclamou e obteve sem demora o dia de seis horas de trabalho. Agora, nestes ultimos dias, telegrammas de Petrogrado informam-nos haver estalado alli a gréve dos empregados de hoteis e restaurantes, que exigem não já um simples augmento de salario ou uma reducção nas horas de trabalho, coisas muito velhas e muito innuteis, mas alguma coisa mais do que isso, a sua equiparação aos patrões como socios effectivos destes.

Estas gréves, convem dizel-o, fazem sorrir muita gente. Sobretudo, deve ser raro o burguez, que tendo certa experiencia dos homens e dois dedos de erudição historica, receie seriamente ou seriamente se illuda com a significação e importancia das gréves russas, neste momento. Dirá este cavalheiro que essas gréves não exprimem nem poderão exprimir jamais conquistas definitivas. Que essas conquistas são um producto da desorganização do paiz e de um governo bastante fraco, que não impediu essa desorganização. Que uma vez cessada a desordem, o que será obra de um governo forte, e este governo cortar a cabeça a algumas duzias de agitadores, culpados dessa desordem, a Russia será o que deve ser, uma nação como as outras, republica ou monarchia, com governantes socialistas ou conservadores e, como as outras, dominada material e intellectualmente pela linda flôr da Burguezia. Da jornada de seis horas e da gréve dos empregados dos hoteis do Petrogrado não restarão senão vagas reminiscencias, bôas para serem reavivadas, entre galhofa e *champagne*, nas festas d'anno de embaixadores e ministros, embaixadores e ministros da moderna facção socialista.

E terá razão o burguez que assim pensar. E a Historia toda lhe dará razão. Nunca os governos cederam a uma pressão do povo senão compellidos pela força ou por circumstancias excepcionaes e graves. O governo russo, embora sahido de uma revolução, não póde contrariar a regra. E, de facto, não a contraria. Toda a sua obra, neste momento, é tudo quanto ha de menos revolucionaria. Elle vae mesmo ao ponto de contrariar a obra dos revolucionarios russos nos simples actos de prudencia e segurança que os revolucionarios preconizam. Assim occorreu quando os marinheiros de Kronstadt propuzeram guardar comsigo o Czar, cuja fuga todos receiam, como receiam os perigos que essa fuga representa, se ella um dia se verificar. E não só os cavalheiros do provisorio recusaram aos marinheiros de Kronstadt a guarda do Czar, como decidiram que o mesmo Czar possa votar e ser votado nas eleições da constituinte!

Por isso, as *gréves* da Russia, mais ou menos victoriosas, não têm para mim, como não têm para a burguezia em geral, o valor de uma conquista definitivamente ganha para o operario, mas unicamente e naturalmente o valor de um symptoma, o valor como significação, exprimindo não aquillo que o proletariado russo já fez e conseguiu, que não é nada, mas o muito que mostra ser capaz de fazer, se forças adversas e inimigas do seu progresso o não detiverem na sua marcha para a fraternidade e a justiça.

E como é possivel e certo que essas forças venham, dentro em breve, a denunciar-se e, de facto, já se vão denunciando, e tenham o fim deliberado de suffocar a revolução, começando pela matança dos agitadores, alma e verbo e vida das revoluções, seria para desejar que o proletariado russo se antecipasse aos seus senhores, decepando, com algumas dezenas de cabeças, a má raiz das reacções, sempre sanguinarias e ferozes sempre.

Tenhamos em vista a Communa de Pariz com os seus cem mil operarios friamente trucidados á ordem da burguezia franceza, segundo ella a mais culta burguezia do mundo.

E' facil, pois, imaginar o que occorreria na Russia, no caso de uma contra-revolução patrocinada pela burguezia deste paiz contra o seu proletariado e as tendencias e aspirações que este proletariado representa. Lembremo-nos de que a Russia não tem na sua historia nem Voltaire nem a Ecyclopedia, e tem Ivan, o Terrivel...

Alfredo Villa-Sêcca.

Procurar o meio de pôr os seres de accordo no amor e fraternidade, sem distincção de sexo, é a grande tarefa da humanidade.

Francisco Ferrer.

Guanabarinas

Rio. 26 de Junho — *Sem combate, incruentamente, a cidade foi conquistada, invadida e ocupada pela marinhajem norte-americana. E' um lizonjeiro inicio da aplicação concreta da doutrina de Monroe: «a America para os americanos (... do norte, é claro)». Todavia, nos outros não nos podemos queixar: esta ocupação é uma ocupação até alegre. As louras e rubicundas criaturas, que formam as guarnições dos vazos guerreiros do almirante Caperton, divertem-se e divertem-nos. Enchem as ruas e as praças, aos magotes, cantando superiormente, e procurando, de preferencia, as cazas de chopps e as cazas da zona estragada. Embebedam-se e avariam-se valentemente... De vez em quando, é chamada uma «viuva-alegre», jenerozamente transformada em ambulancia, a levar ao cais as vitimas dessas batalhas alcoolicas e femeeiras. Divertidissimos, estes latagões reforçados, de musculatura tão propicia ao trabalho produtor... O trabalho! Mas o trabalho, evidentemente, se rezerva ás bestas submissas, cuja obrigação, cujo patriotico dever é sustentar estes milhares de malandros na humanitaria tarefa de garantir o dominio das Americas ao dollar dos arjentarios yankees. O dominio das Americas e as contas debitadas aos aliados, por compra de munições. E nós, brazileiros, ainda nos alegramos com tudo isso, muito contentes em servirmos de capachos ás botas de Tio Sam, levados pela diplomacia do dr. Nilo Peçanha á politica americana. Politica americana, segundo a denominação pompoza do novo chanceler e dos seus turiferarios; porque a isto chamo eu politica do cagaço...* — **Astper.**

«O Debate»

Com este titulo deve apparecer no Rio, no proximo dia 5, uma revista semanaria de actualidades, politica, questões sociaes, letras, etc. Será uma folha combativa e vivaz, de variada collaboração, mantendo campanhas populares, agitando todas as questões actuaes de interesse nacional e internacional. Serão seus directores os conhecidos jornalistas Adolpho Porto e Astrogildo Pereira.

ARREBOL DA LIBERDADE

A grandiosa epopeia russa

As verdadeiras origens da revolução — Influencia decisiva do elemento avançado — Como se constituiu o Conselho de operarios e Soldados — Interessante carta de Jean Grave

A imprensa burgueza, annunciando a revolução russa, procurou attribuil-a á Duma monarchica e aos liberaes panslavistas, ao mesmo tempo que occultava a acção proletaria e o papel dos socialistas, que trouxe uma formidavel confirmação á tactica de opposição nos varios paizes belligerantes.

Devemos ter presente que o desfallecimento collectivo, que se produziu no mesmo tempo entre os sociaes-democratas de alguns paizes em luta, não attingiu as organizações socialistas da Russia. Esses agrupamentos perseveraram na sua attitude tradicional de opposição ao tsarismo; as poucas defecções que se produziram não se generalizaram. O proprio Plekhanoff, apesar da autoridade ligada ao seu nome, não foi seguido. Todos se lembram da carta que elle endereçou a Burianoff, seu amigo e discipulo, para lhe rogar que votasse os creditos de guerra: pois Burianoff nunca os votou, como nunca os votaram os treze deputados social-democraticos. Os proprios *trudoviki* (trabalhistas), embora não filiados na Internacional, rejeitaram taes creditos

Quando os socialistas italianos, de combinação com os socialistas suissos, organizaram as conferencias de Zimmerwald e de Kienthal, todas as organizações socialistas dos russos e seus coabitantes adheriram a essas tentativas de reconstituição da Internacional. A Junta de organização e a Junta Central do Partido Social-democratico operario, a Junta Central dos socialistas revolucionarios, o Partido Social-demacratico da Polonia e da Lituania, o Bund, a Social-democracia letica, as duas fracções da partido socialista polaco, manifestaram assim a sua fidelidade aos principios proclamados nos congressos internacionais.

Por isso, logo que romperam os tumultos de Petrogrado — tumultos, a principio, de caracter puramente economico, — os socialistas russos, amparados pela confiança da classe operaria, tomaram a direcção do movimento revolucionario, que está longe de ter acabado. A Junta Central do Partido Social Democratico lançou um manifesto convidando os operarios e os soldados a nomearem delegados a um Conselho, destinado a lutar contra as forças de reacção e a fiscalizar os actos do governo provisorio. Este Conselho, que tomou o logar da Duma no palacio de Taurida, tem ininterruptamente exercido uma acção innovadora e revolucionaria. Pela vontade da commissação mixta foi decidida a prisão da familia imperial, assim como a convocação da Assembleia Constituinte e o dia de 8 horas de trabalho. Após um mez de luta pertinaz, obteve do governo a retumbante declaração com a qual o principe Lvoff annuncia ao mundo o abandono dos fins da guerra do tsarismo e dos liberaes annexionistas. Por fim, os delegados operarios reunidos em congresso acabam de adoptar por unanimidade uma resolução democratica e socialista tanto no espirito como na letra, na qual não ha uma só palavra que não possamos subscrever. Essa resolução dissipa os equivocos cuidadosamente mantidos pelos jornaes burguezes que truncam as proclamações, falseiam as declarações, castram os discursos, afim de enganar os leitores sobre o verdadeiro caracter do movimento revolucionario.

* * *

Jean Grave, velho militante do movimento libertario, autor de varios livros e brochuras anarchistas, que publicava em Pariz o bello jornal *Temps Nouveaux* e que se havia, com a guerra, distanciado da maioria dos seus antigos companheiros, por ter-se infileirado entre os intervencionistas, escreveu a um nosso collaborador uma carta, datada de 31 de março, da qual estrahimos os interessantes trechos abaixo a proposito da revolução russa:

«Então? que dizeis ao que acaba de se dar na Russia? Aquillo veiu como um raio. Eu cuidava que a revolução fôra morta na Russia para alguns annos e que a guerra não era de molde a fazel-a ressuscitar. E eil-a feita, no entanto!

«São agora os russos que nos vão dar lições de liberalismo.

«Restituem a independencia á Filandia, á Polonia.

«As municipalidades apodoram-se da direcção das subsistencias.

«Accesso das mulheres a todos os empregos. Abolição da censura politica.

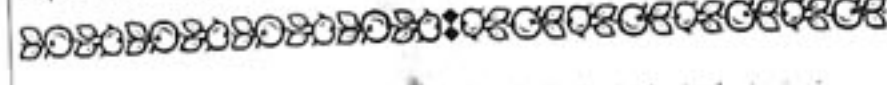
«Os camponezes organizam-se em milicia para a si proprios se policiarem.

«Cada dia nos traz a nova de mais um passo dado para a frente pela massa, que pretende organizar-se a si mesma. E' magnifico.

«Mais valera decerto que aquillo se fizesse sem a guerra, mas como não nos foi dado escolher, ou antes, como não pudemos impedir a guerra, será uma grande vantagem para a evolução tel-a um povo aproveitado para se emancipar.

«Até aqui, tinha eu feito votos pela revolução na Allemanha, sem ousar esperal-a. Começo agora a julgal-a possivel. O exemplo é contagioso.»

Folgamos de nos encontrar com Jean Grave no mesmo jubilo ante a revolução e seu possivel desenvolvimento interno e influencia exterior.

Parece que a revolução já apagou, dentro da Russia, algumas divergencias entre revolucionarios sociaes. Se vier a propagar-se, é provavel que noutras partes produza muitas reconciliações. A acção tem desses effeitos salutares. Mais uma razão para unirmos as nossas esperanças ás de Grave, de cujas ideas temos discordado ultimamente, mas cuja sinceridade nunca pensamos em discutir.

. . . . — *Abri! Eu chamo-me a Anarchia!*

Eu sou o Turbilhão colerico e profundo,
que vem varrer a terra, o raio nunca visto.
Venho cheio de pó, cansado, todo immundo.
Em toda a parte o mal! Em toda a parte o Christo!
Sou quem trago a sentença escripta contra o mundo,
e que açouto o cavallo em sangue do Anti-Christo!

Sou quem trago commigo os rotos esquadrões
da plebe esguedelhada, anonyma, assassina.
Sou quem hei de varrer reis e religiões,
a indignação de baixo, a colera ferina.
Já chegou a Justiça, o sangue das Nações!
— A pé, a pé, a pé! A cotovia trina!

Papas, bispos, e reis, peitos de diamante!
como não chorareis ouvindo o grande abalo?
Allemanha, arremessa ao Rheno o teu guante.
Tu, Igreja, renega antes que cante o gallo.
— Justiça, mostra já teu dedo flammejante!
— Vingança, vai sellar o teu feroz cavallo!

. . . .

GOMES LEAL.

Pobre camponez, semi-analphabeto, cançado de soffrer miserias nas fraldas do Vesuvio, resolveu-se a partir numa leva de immigrantes para o Brazil, em demanda dos cafesaes de São Paulo.

Embarcou com a mulher e filhos num transatlantico, comeu na gamella dos passageiros de terceira classe, e afinal, desembarcando em Santos com a ligeira nas costas, tomou lugar num carro da Ingleza, subiu a serra e deu entrada na hospedaria.

O emigrado vinha disposto a cavar fortuna — *far l'America* — á custa de qualquer esforço e lançando mão de quaesquer recursos.

A principio o trabalho foi duro e elle conheceu todas as privações a que estão sujeitos os trabalhadores. Alimentava-se mal, vestia roupas usadas que haviam servido aos patrões.

Sempre pensando em enriquecer travou conhecimento com moedeiros falsos e, no commercio de gado, ia aos sertões de Matto Grosso comprar boiadas, pagando-as com moeda falsa. O negocio prosperou, e, dentro em pouco, tinha a primeira centena de contos de réis.

Começou, então, a vestir-se em alfaiates de quinta ordem e alugou uma velha casa para morar, pagando modica renda.

Estabeleceu-se. Importava trigo, e nas barricas, vinham de Buenos Aires os pacotes de contos falsos. Importava vinhos *de taglio*, gregos e meridionaes, e com elles, no fundo do armazem, fabricava os finos Barberas e os apreciados Toscanos.

Os milhões augmentavam e com elles a audacia e a arrogancia.

O *pidocchio rifatto* já não dava mais confiança a qualquer patricio. Tornara-se pessoa importante na colonia.

Um dia tentou impingir a um banco estrangeiro, no meio de um grande pagamento, vinte pacotes de notas falsas. Foi infeliz porque o caixa recusou o dinheiro, mas nada soffreu porque não chamaram a policia.

Agora é pessoa importantissima. Mora em palacio e possue automoveis. Explora o trabalho e subscreve nos emprestimos de guerra. Falsifica todos os generos alimenticios susceptiveis de falsificação e é considerado grande patriota, prestante cidadão e honrado commerciante e industrial.

Não estará longe o dia em que o veremos commendador.

São estes os homens que a sociedade burgueza estima e considera.

Os trabalhadores honestos são vagabundos e perniciosos á ordem social. Os jornalistas burguezes detestam-n'os porque delles não pódem tirar proveito.

O que ella venera é o poder do ouro, e os que enriquecem, praticando delictos á margem do Codigo Penal, são pessoas muito dignas e respeitaveis.

Granja Filho.

«A Plebe» em Santos

Está á venda na agencia de jornaes do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio.

. . . Porque não consta seja outro o officio de governo que não este: roubar, roubar, roubar, roubar.

Astrogildo Pereira.

ANARCHISTAS...

Ouve-se dizer por toda a parte que os anarchistas são dynamitistas, desordeiros ou, quando menos, lunaticos e utopistas.

Não é de admirar que tal aconteça... Os homens continuam a ser os mesmos homens, os misoneistas de sempre, os rotineiros de todas as épocas. E' conveniente advertir, contudo, que taes infamias e calumnias que hoje pesam sobre os anarchistas, sobre todos aquelles que têm a imperdoavel ousadia de pensar abertamente á luz vivida do sol, outrora pesaram sobre os que constituiam então a sentinella avançada do pensamento humano. A pecha, portanto, é velha, o estribilho, de velho, já rescende a bolór. E' que os rapinaceos de que se compõe a corja dominadora não querem ser perturbados em sua faina maldita de tosquiar o povo, em sua exploração ignominiosa a que vêm submettendo a numerosa familia proletariana. Dahi as violencias estereis e as ameaças vãs com que imaginam pretenciosamente poder paralysar a marcha das idéas. Paralysar a marcha das idéas! ...

Entretanto, por mais que os governantes dos varios matizes intentem oppôr diques á onda innovadora que dia a dia toma corpo, fazendo-os perder noites inteiras de somno; por mais ferozes que se mostrem, encarcerando, exilando, massacrando os que tem sêde de liberdade; serão incapazes, absolutamente incapazes de realizar o seu desejo, por isso que, contrapesando cada uma das victimas pelas carabinas legaes, apparecerá uma legião de batalhadores, em vez de uma, serão mil vozes a clamarem contra os crimes dos gaviões da governança.

Haja vista para o caso Ferrer, dentre milhares que a Historia regista. Antes da sua execução na religiosa Espanha, por instigação do clero ladravaz e sanguinario, quasi ninguem conhecia o seu methodo de ensino, completamente apartado de todo e qualquer dogmatismo. Após seu fuzilamento, porém, tem aflorado dos recantos todos do globo as escolas moldadas pelo seu systema; as escolas racionalistas, centros educativos da verdade, de onde sairão homens livres e fraternos, não escravos ou tyrannos.

A tragedia de Chicago é tambem um exemplo edificante.

Por ahi se vê que de nada valerão as violencias praticadas pelos de cima sobre os descamisados de baixo, que almejam uma existencia melhor, baseada na paz, na justiça e no trabalho.

Apezar de toda a especie de repressão inventada pelos dominadores de todos os calibres, a onda libertaria mais e mais se intensifica, mais e mais se avoluma, magnificamente, subversivamente...

...Para desespero dos tyrannos e alegria dos descalços da plebe...

X.

A JUSTIÇA

Uma lei a mais é uma liberdade a menos.

J. B. Alberdi.

A justiça, hoje como sempre, não passa de um symbolo. Se examinamos os vastos *in-folios* em que ella assenta as suas bases melhores e mais solidas, e, por um momento, consideramos os homens incumbidos da sua applicação, veremos sem demora como é grande a hypocrisia destes homens e grande e refinada a sua arte de fingir. Homens que se esforçam por parecer o que não são, homens Iagos, homens tartufos.

As leis não evitam as anormalidades das paixões humanas. Não são os codigos nem os templos de vingança que regeneram a humanidade, mas a necessidade de associação que esta humanidade experimenta e se traduz no affecto e no apoio mutuo. E' impossivel que o homem se regenere lançando-lhe em rosto os seus defeitos e por estes defeitos punindo-o.

Não se moralisa sanccionando leis que regulamentam a immoralidade.

Quando não se possa condemnar o pensamento, quando as leis tenham a efficacia de evitar os crimes, terão as leis o seu fim justificado, demonstrando, dessa maneira, o porquê da sua existencia.

Se as leis podessem regenerar a humanidade, ha muito que as leis não existiriam.

Pode bem mais o «que dirão» que todos os codigos dos homens.

A educação e a instrucção apoiadas sobre bases de solido fundamento, sem preconceitos nem rotinas, ou seja a formação do homem de caracter, é a unica lei urgente, que urgentemente se impõe para o aperfeiçoamento da especie humana.

Emquanto as causas dos delictos não desapparecerem, é inutil e ridiculo desejar o desapparecimento dos delinquentes.

A. Hunter.

Os animaes selvagens têm os seus covis e tocas, e os que combatem e vertem o seu sangue para defeza da patria nella não têm outra propriedade alem da luz e do ar que respiram.

Tiberius Gracchus.

Lobos e Cordeiros

Ha dois scenarios e dois planos distinctos na vida: num tudo é grandeza e deslumbramento, occultando aos olhares investigadores a miseria e immoralidade interior, no outro a indigencia mais sordida apparece á evidencia.

O exito, as honrarias, a immortalidade, a glorificação, o infortunio, a fome, tudo para o individuo que luta permanentemente contra forças hostis depende de um desses planos em que esteja collocado pelo cégo destino humano.

Triumphar incondicionalmente, ou parecer é o inexoravel dilemma. O homem que nos tempos presentes enfrenta a vida, seja apto ou não para sustentar a peleja no immensuravel campo de batalha que se lhe estende á vista, sabe com antecedencia as condições draconianas da luta que lhe é imposta. E a besta civilizada não hezita no caminho a seguir.

Se fôr necessario ser cruel, troglodyta, féra, o homem culto sel-o-á sem remorsos. E nestas occasiões terriveis em que é preciso mostrar aos nossos semelhantes que se possue dentes afiados e garras cortantes sempre promptos ao ataque ou á defesa, é que o homem do seculo vinte «rompendo o superficial verniz da civilização, revela-se o homem das cavernas». Se Dantec disse-o bem, e não se trata tão sómente de triumphar, o que é da maior importancia para os seres em luta é o menor dispendio possivel de energias creadoras ou destructivas.

Ante o exito ou o fracasso o homem ha de escolher. O triumpho só mui raramente é alcançado e a custo de esforços e contingencias que nem todos são capazes de enfrentar. Faz-se mistér ser leão no animo, aguia no olhar, camaleão no disfarce, ophydio no veneno, e por ultimo, e sobretudo — canalha intelligente. Mal do que não souber se munir a tempo das armas indispensaveis ás disputas sem treguas.

E' um condemnado sem appellação possivel, um suicida, um boçal, um criminoso de imperdoavel delicto — o culto da honra. Peor que as aves de rapina se fez o homem civilisado na sua corrida ao successo. E' sinistro vel-o, occulto nas trincheiras, sob as cupulas de fortalezas, nas casamatas dos couraçados, nas cidades incendiadas, como um cataclysma tudo destruindo, saqueando, semeando o infortunio, arruinando os seus proprios irmãos.

O homicidio, nestes tempos, foi transformado numa instituição que se diz honrada, que se glorifica: o exercito. O crime systhematizado, aperfeiçoado, conquistou sob a mascara de nomes varios as forças affectivas das nações.

E como se não bastasse, os arautos da morte são continuamente açulados por uma matilha de homens sem escrupulos ao rendoso serviço da libra, do franco, do marco, ou do dollar. Assim divinizaram a rapina e deificaram o egoismo. Um tal estado de consciencia não tardou a crear raizes nas altas espheras do pensamento humano, e tambem a maldade e o crime têm os seus poetas, os seus apostolos, os seus philosophos.

Esses surgem como patriotas, grandes cidadãos, homens representativos, chefes de escolas novas no terreno das idéias. Os seus nomes andam de bocca em bocca, decantados, divinizados, guindados ao Olympo da estulticie publica! A's novas gerações que se vão formando esses nocivos são exaltados como dignificantes exemplos!

E é assim que lentamente se vai formando a onda impura dos sem caracter. Até parece impossivel que isso um dia possa ser curado. As palavras *regeneração humana*, entram aqui, quando enfrentamos taes problemas da psychologia social como apparições de genios bemfazejos em contos orientaes.

Comtudo esta regenarão não é uma chimera, e a critica scientifica por que ha passado não nos deixa duvidas sobre a sua viabilidade. Não nos embalamos, portanto, nos laços do utopico.

Muita vez a salvação dos organismos animaes está numa sangria profusa, no vazamento do sangue envenenado que lhe enfermava os tecidos. Os complexos organismos sociaes tambem carecem, quando doentes, deste meio extremo de cura, para depurarem-se e subsistirem. E' a licção indiscutivel da historia e sempre será assim.

As proprias causas da pseudo solidariedade social que hoje vemos explica isto. O homem das primeiras sociedades alliou-se com os seus semelhantes em familias, clans, tribus, etc., porque reconheceu no companheiro a existencia de um valor aggressivo-defensivo igual ao seu. Essa foi a verdadeira origem do complicado organismo social contemporanea.

Foram-se para sempre as crenças sentimentaes na bondade da alma humana, sonhos desfeitos de alguns espiritos generosos. Nenhuns factores de sympathia reciproca ou de humanitarismo influiram para jungir o homem ao carro da falsissima solidariedade social de hoje.

A critica scientifica severa e profunda não admitte mais taes concepções. Modernamente, os que estudam estes assumptos sabem que o élo que nas eras primeiras chamou á união os individuos vivendo selvagemente e produziu a solidariedade de muitos colligarem-se para vencerem inimigos mais fracos. Taes são, fallando do modo mais simples e synthetico, as raizes donde se nutro a sociedade contemporanea. Taes principios não poderiam produzir resultados diversos. E' logico, portanto, que a luta pela vida dia a dia se vá tornando mais desigual e violenta, e que a moral, e a lei do respeito mutuo para a igualdade dos direitos dos homens entre si», seja actualmente objecto de infindaveis discussões entre pensadores e absolutamente impotente para os effeitos do saneamento social.

Parodiando aquelles sabios gregos que escreveram o celebre «Conhece-te a ti mesmo» de Delphos, os modernos deveriam gravar nos porticos das suas casas e dos seus templos as maximas da epocha — avalia a tua força individual; apodera-te de tudo quanto ella te permittir; vence sem piedade o teu concorrente, não importa por que meios; desprezes sempre o direito do teu semelhante; seja o teu egoismo o unico orientador da tua vida.

Se não és capaz de executar esse programma, se estás enfraquecido, ou com o coração cheio de virtudes apassivadoras, então retira-te; elimina-te dentre os que são superiores a ti; a tua indigencia é digna de lastima porém é irremediavel; retira-te para te não tornares um obstaculo odiado; cede o logar a outro e desapparece.

E' isso, sómente isso, a essencia da vida.

E. Lima.

MUNDO OPERARIO

Contra a escravidão industrial

Prosegue o movimento grevista

Os tecelões e canteiros não recuam — No ergastulo de Votorantim — Imponente passeata

Os operarios da fabrica "Labor" conseguiram um augmento de salarios

A agitação que, ha algumas semanas, irrompeu entre os trabalhadores das fabricas de tecidos em consequencia de suas horriveis condições de vida, vai pouco a pouco, estendendo-se a toda a classe

O descontentamento geral, a custo contido pela perspectiva de maiores penurias, vae-se finalmente, manifestando nos prostestos e reclamações dirigidos aos cada vez mais infames argentarios cuja ganancia assume feição verdadeiramente revoltante.

As corporações de varias fabricas já se movimentaram e quasi todas tiveram os seus esforços coroados de relativo exito.

Com uma simples reclamação, os operarios da fabrica Pinoti Gamba, situada no Cambucy, conseguiram augmentar os seus salarios. Os que trabalham na fabrica da Companhia de Industrias Textis, da Moóca, após um rapido movimento, obrigaram os burguezes que os exploram a tambem melhorar lhes os salarios.

A fabrica E. Mortari, do Belemzinho foi egualmente, attingida pela agitação. Os tecelões que lá trabalhavam não foram, porém, tão bem succedidos como os dois estabelecimentos acima indicados.

Se, segundo parece, as suas condições são agora mais desafogadas, isso foi conseguido com o sacrificio de alguns delles, que foram dispensados. Não fôra a sua falha solidariedade e tal não succederia.

E os trabalhadores, em caso de greve nunca devem retomar o trabalho sem que todos sejam readmittidos. E' odioso que se proceda de maneira diversa.

Na sexta-feira, pela manhã foram suspensos os trabalhos da fabrica „Labor," tambem estabelecida no bairro da Moóca, voltando os seus operarios a movimental-a para proveito dos argentarios na segunda-feira, tendo conseguido um augmento de 15 o/o em seus salarios.

O principal resultado deste movimento foi, porém, pôr os que nelle tomaram parte em contacto com a Liga Operaria da Moóca, na qual uma boa parte inscreveu se e em cuja séde realizaram as suas reuniões, demonstrando interessar-se pela propaganda feita por alguns companheiros.

Na brecha continuam os operarios do Cotonifio Rodolpho Crespi

Como dissemos no numero anterior, dias após a gréve victoriosa dos operarios da Secção de tecelagem declarou-se um movimento na secção de fiação, estendendo-se logo a toda a fabrica, fechada a seguir por ordem do tartufissimo cavalheiro... da extorsão.

A solidariedade entre os trabalhadores tem sido completa, o que vae desorientando o até ha pouco tão arrogante patrão, já disposto a entabolar negociações.

Evidentemente por insinuação do burguez, foi lembrada a solução do conflito por meio da arbitragem, mas os grevistas estão resolvidos a não admittir a interferencia de terceiros em seu movimento.

O que reclamam é uma ninharia; recolha, pois, o argentario um pouco de suas garras e elles voltarão ao trabalho.

Na occasião em que escrevemos esta noticia, sexta-feira á tarde, uma commissão de operarios foi chamada á fabrica para entender-se com os seus directores.

E' o premeiro signal de fraqueza da parte do atrevido explorador.

Talvez quando este numero d'*A Plebe* circular já os tecelões tenham vencido mais esta escaramuça. Oxalá!

O comicio de domingo

Conforme noticiámos em nosso numero anterior, foi realizado domingo á noite, no largo S. José, o comicio promovido pela Liga Operaria do Belemzinho afim de tornar publica a solidariedade do operariado com os trabalhadores do Cotonificio Rodolpho Crespi, forçados a abandonar o trabalho pela ganancia do refinado explorador *cavalliere*.

Não obstânte ser avultada, a concorrencia que a elle afluiu, não foi a que era de esperar, dada a sua importancia.

Attribuiu-se isso ao facto de pouco antes ter sido realizada uma outra reunião obreira tambem provocada pelo movimento dos tecelões. E' de esperar que isso não torne a succeder, procurando-se sempre preparar devidamente as nossas manifestações publicas, para que ellas possam ter o exito necessario.

Entretanto, o *meeting* correu, mesmo assim, bastante animado, subindo á improvisada tribuna cinco companheiros e uma companheira que, com desassombro, denunciaram o infame proceder do ganancioso argentario em questão e de toda a corja burgueza.

A assistencia deu fartas demonstrações do seu apoio ás palavras dos nossos companheiros, acolhendo com visivel sympathia a propaganda das nossas ideias.

Terminando o comicio, uma parte dos operarios se dirigiu para a séde da Liga Operaria do Belemzinho, onde um camarada fez um breve discurso.

As Ligas operarias dos arrabaldes

As agremiações obreiras já fundadas em alguns arrabaldes desta cidade, reunindo em seu seio trabalhadores de todas as classes, estão correspondendo aos esforços de seus iniciadores.

De facto, tudo faz crer ter sido uma iniciativa acertada essa de reunir os proletarios em sociedades de resistencia de caracter geral e nos proprios bairros onde elles trabalham e residem.

Prova isso o facto de estarem bem encaminhadas as Ligas já constituidas.

A da Moóca está em franca prosperidade. Em sua séde já foram realizadas numerosas reuniões, nas quaes os nossos companheiros falaram sobre a questão social, estimulando os operarios a della se preoccuparem, abandonando os vicios e as diversões embrutecedoras, para se dedicarem á actividade da luta em prol da emancipação do proletariado do jugo patronal.

Tendo installado a sua séde na rua Joaquim Carlos, 20, a Liga do Belemzinho prosegue activamente nos seus trabalhos, esforçando-se os seus componentes para attrahir o operariado do arrabalde.

Após o comicio de domingo, para lá affluiu grande numero de trabalhadores, tendo discursado um camarada, falando contra a tyrannia da sociedade burgueza e demonstrando a necessidade de activar a luta contra o seu odioso dominio.

Os operarios que constituem a commissão provisoria da Liga da Lapa e Agua Branca continuam a trabalhar no sentido de, dentro do mais breve tempo possivel, installar a sua séde e, assim, poderem, com mais facilidade, agremiar os trabalhadores daquella importante parte industrial da cidade.

Talvez por toda a proxima semana fique difinitivamente constituida a Liga do Cambucy, onde já se realizaram alguns trabalhos nesse sentido.

E' com grande interesse e sympathia que acompanhamos este animador despertar da classe obreira, fazendo votos e esforçando-nos para que o movimento tão bem iniciado não esmoreça ou degenere no enervante corporativismo estreito das associações anodinas, mesquinhamente interesseiras e vazias de qualquer idealismo renovador.

O movimento dos tecelões de Votorantim

Toda a imprensa diaria já relatou o que se está passando em Votorantim, Sorocaba.

Os operarios da fabrica de tecidos lá situada e de propriedade do Banco União reclamaram o pagamento de seus salarios em atraso. Como unica resposta, a canalha directora daquelle ergastulo industrial mandou fechar a fabrica, intimando 42 dos operarios a desoccuparem as casas do Banco.

Que banditismo! Não bastava a extorsão de que os operarios eram victimas no armazem situado no terreno da fabrica e em beneficio de seus graudos.

A greve dos canteiros

Ainda não se solucionou o movimento dos canteiros, que continuam firmes no proposito de sómente com a satisfação de sua reclamação voltar ao trabalho.

E' de lamentar, porém, que haja surgido um desaccordo entre os operarios de Cotia, reflectindo essa damnosa discordia na imprensa burgueza.

Imponente passeata

Os grevistas do Cotonificio Crespi fizeram hontem uma imponente passeata pelo centro da cidade realizando comicios na Praça Antonio Prado e no Largo da Sé.

Em frente ás redacções dos jornaes falaram dois camaradas e duas operarias.

Foi uma bella demonstração obreira. Os burguezes ouviram-n'as boas daquella multidão de homens, mulheres e crianças.

NOTA FINAL

En consequencia de um accidente na typographia, sai esta secção bastante sacrificada.

OS GRILHÕES DOS ESCRAVOS

No capitulo XLVII do Génesis, versiculos 14 a 26, a Biblia descreve-nos o modo como o hebreu José administrou o Egypto *pela fome*, como elle pela fome escravizou os homens, reduzindo-os á miseria e á dura necessidade de servir. E' a historia resumida e simplificada de todas as espoliações e de todas as tyrannias politicas e economicas.

Como a fome affligiu a terra, sobretudo o Egypto e o paiz de Canaan, José vendia para todos os lados o trigo açambarcado, guardando no erario regio o dinheiro recebido.

Mas o dinheiro faltou aos famintos. E então o povo pediu pão ao açambarcador, para não morrer de fome na sua presença. «Se não tendes dinheiro, trazei-me o vosso gado», redarguiu o infame senhor das coisas e, pelas coisas, dominador dos homens que dellas vivem.

O povo deu o seu gado e assim viveu mais um anno. Mas os rebanhos e animaes domesticos vieram tambem a faltar-lhe; e então os miseros subditos, em vez de expropriar o que era fructo do suor de todos, offereceram-se como escravos e pediram sementes para se não tornar a terra em charneca, perecendo os cultivadores. Mas leiamos o livro sagrado:

«Portanto, comprou José todas as terras do Egypto, vendendo cada um delles as suas propriedades por causa da extrema fome. E fez Pharaó senhor dellas, com todos os seus povos, desde uma extremidade do Egypto até á outra: excepto sómente na terra dos sacerdotes, que lhes tinha sido dada pelo rei, porque a estes se davam generos determinados dos celeiros publicos; e por isso não se viram na precisão de vender os seus bens.

«Depois disto disse José ao povo: Bem vedes que vós e vossas terras sois de Pharaó; tomae sementes e semeae os campos, para poder colher fructos. Dareis ao rei a quinta parte e eu vos deixo as outras quatro para semente e para sustento de vossas familias e filhos.»

«E os homens do povo responderam: A nossa vida está na tua mão; attenda-nos pelo menos o nosso senhor, e alegres serviremos ao rei.»

«Desde aquelle tempo até ao dia de hoje se paga em todo o Egypto aos reis a quinta parte; e isto como se passou em lei, excepto a terra dos sacerdotes, que ficou isenta desta condição.»

Literatura de dominadores, destinada a celebrar os tyrannos e suas leis e a ensinar o povo á resignação e á obediencia, a biblia expõe o mechanismo da escravidão em termos claros, quasi candidos — á luz da hypocrisia democratica-moderna.

Os homens, privados da terra e dos gados, dos meios de produzir, são forçados pela fome a vender o proprio corpo, os proprios braços, sob quaesquer condições, ao açambarcador, ao Pharaó, ao patrão. E, então como hoje, a coacção economica ou *indirecta*.

Além desta ha a coacção *directa*; ou exercida sobre a intelligencia, pela mentira, os falsos ideaes, as vãs promessas, o terror da dividade e do castigo eterno — é a coacção *moral* ou *religiosa*; ou exercida sobre o phisico, por meio das punições corporaes, pela privação da vida ou da liberdade de movimentos — é a coacção politica. Com effeito, se ao patrão não basta o açambarcamento dos meios de produzir, dos instrumentos de trabalho, lá está o sacerdote, ser previlegiado, que combate o diabolico espirito de revolta e incita o povo a resignar-se e a obedecer á vontade do . . . Senhor; e se o padre não é ainda sufficiente, acode o juiz, o esbirro e o soldado, que guardam os celeiros, forçam ao trabalho e domam as revoltas.

Todas essas coacções são inseparaveis, persistindo através dos tempos com formas ou designações varias. Assim hoje, o padre disfarça-se a miude sob o nome de jornalista, sabio ou poeta, sacerdotes duma religião chamada patriotismo.

E o que se dá entre os individuos e entre as classes, dentro dum Estado, dá-se entre os Estados, alguns dos quaes exercem sobre os mais fracos ora a coacção indirecta, economica, quando detêem o oiro, o commercio mundial, os productos essenciaes, os mares e as terras.

Para que o homem seja livre na terra livre, é pois necessario começar por atacar o edificio de mentiras dos dominantes pela propaganda e acção incessantes das minorias conscientes, conjugadas com as agitações e descontentamentos das massas, para chegar emfim a destruir ao mesmo tempo a coacção economica e a politica. Uma não pode viver sem a outra; e se após uma revolução, encontramos tal qual uma dellas, é porque a outra só mudou de nome ou de feitio.

Se porventura subsistisse o senhor das coisas, este em breve se rodearia de guardas e cointeressados; e o mesmo faria o detentor do poder politico, que persistisse sob o pretexto de defesa dos interesses communs: trataria de se amparar numa classe previlegiada, distribuindo pelos apanigundos as funcções mais leves ou mais bem remuneradas, criando de qualquer forma uma burocracia ociosa e parasitaria. O Pharaó, que isenta os padres (e certamente os guerreiros), dá o exemplo classico.

Os egypcios deviam ter communizado os celeiros, terras e gados e organizado o trabalho por conta de todos, por meio de associações productoras. E se os modernos não querem continuar a vegetar na servidão e na carestia — terreno onde floresce a riqueza dos açambarcadores — não têem outro caminho a seguir.

Neno Vasco.

«A Plebe» em Ribeirão Preto

Acha-se á venda na Livraria Sêlles, rua Amador Bueno.

NATHANAEL PEREIRA

HORA PROPICIA

"Diante de certas acções praticadas pelo homem dá vergonha á gente de pertencer á familia desse animal,,

M. C. de Paula Teixeira

◆ ◆

"Até bem ouco tempo eu suppunha que o meu semelhante fosse muito melhor do que é,,

* * *

Caridade

A unica caridade acceitavel é aquella que seja capaz de enriquecer todos ou de empobrecer todos pelo excesso da producção sã, sem desfallecimentos de canseiras e sem prejuizo dos prazeres honestos.

Na hora presente, em que o solo europeu se transforma no chão de um grande matadouro, pelo qual corre em ondas o sangue do homem, a despeito de toda a civilisação daquelles velhos povos, e de cuja luta resultam grandes e quasi insuperaveis difficuldades para as classes productivas e mesmo para algumas das classes parasitarias, filhas da organisação e portanto menos responsaveis pelo proprio erro, outra devêra ser a orientação do estado, muito diversa, em criterio, da que elle está seguindo.

Quando dizemos estado, homem pobre, não nos referimos somente ao mundo official; mas, tambem, ao alto commercio, e aos detentores do capital, porque é, da reunião de ambos, e do prestigio que reciprocamente se prestam que resulta a autoridade em virtude da qual trabalhas para sustentar os que inutilmente trabalham tambem, e os que passeiam ou dormem.

Pois bem: o que parece logico, o que seria equitativo, a verdadeira caridade a praticar-se na hora presente, seria, primeiro que tudo, um movimento geral de protesto, por parte de todas as nações do mundo, contra a impiedade, a barbaridade, a monstruosidade da guerra que ora devasta alguns dos paizes mais poderosos da Europa, e a cujos povos tanta conquista util devemos.

Allemães e francezes, inglezes e austriacos, russos e belgas, todos elles concorreram muito para o desenvolvimento do homem, quer arrancando ao mutismo da natureza, pelo esforço e pela tenacidade, o segredo das suas leis precisas e explicativas de um grande numero de phenomenos, cujo mechanismo éra ignorado, quer descobrindo apparelhos e machinas tendentes a descançar o braço do homem, a diminuir distancias, emfim, a tornar cada vez mais estreitas as relações desse ser que occupa o primeiro logar na escala biologica. Esse fôra o dever do resto do mundo que se presume de culto.

Hoje, essas nações, que, por um modo tão horrivel vêm perturbar a marcha, mais ou menos regular dos phenomenos sociaes, com excepção da Belgica, perderam o direito ao titulo de civilisadas, desceram a um estado inconcebivel de barbaria, attingiram um gráu requintado de crueldade, ao qual parecia impossivel que o homem do seculo XX descesse, tão fria, tão brutalmente.

E por isso, homem do trabalho, o que tu não deves tolerar, o que tu não deves permittir, é que a casa dos teus maximos representantes, vote uma moção de sympathia aos francezes, porque nesta emergencia, qualquer dos povos belligerantes, salvo o povo belga, é um povo criminoso, baixamente sanguinario e capaz de atirar todo o resto do mundo no estado primitivo de selvageria.

O que tu não deves permittir é que o executivo do teu paiz em flagrante contradição com os assanhamentos guerreiros dos teus parlamentares, diga a esses leões que se trucidam, que tu és neutro diante da carnificina do velho mundo!... Não, homem do trabalho, não toquem as nossas fanfarras nem pela victoria da França, nem pela dos allemães; mas, que o teu governo, verbere officialmente o erro de todos elles, o crime consciente que todos elles estão praticando e proteste contra a nodoa sangrenta com que esses povos estão manchando este alvorecer de seculo!

Que o poder executivo do teu paiz, auxiliado pelas casas do congresso, decrete sem demora e sem temores a prohibição absoluta da exportação dos teus generos para qualquer dos paizes em guerra!

Que o teu governo, por meio dos seus plenipotenciarios, busque fazer triumphar em todo mundo providencias de identica natureza, afim de que os povos em luta, que só contam com o dinheiro para sortir as suas casinhas de campanha se vejam obrigados a abandonar o armão das peças de artilheria, pelas guias da charrua e a coronha das espingardas pelo cabo das enxadas; afim de que os exercitos que se defrontam, suspendam a chacina de modo que as populações civis cuja honra elles defendem, os ataquem pelas costas, na hora da fome!

Os indecorosos decretos officiaes de neutralidade, deante da luta européa, são a manifestação da mais patente covardia, a sancção tacita desse grande crime, que se está commettendo, em nome, para e exclusivamente de interesses pecuniarios villissimos, aos quaes se sotopõe a tranquillidade de milhões de lares, a vida de milhões de lares, a vida de milhões de seres!... Assim, mesmo adversarios da ordem actual, saberiamos bater palmas a um gesto de nobreza e de real caridade da parte dos que se arrogam o direito de governar-nos.

Quanto a ti, ainda, homem do trabalho, para ser realmente caritativa, a orientação do estado devêra ser outra: — si até agora trabalhaste e com o teu trabalho déste lucros fabulosos aos teus senhores, lucros que elles accumularam; si vens, ha vinte annos, ha trinta annos, mourejando dia por dia para augmentar o capital de teus amos, porque razão és agora dispensado do trabalho, quando devias ser conservado, e, mesmo, quando devias perceber maiores ordenados? Pois, pelo regimen da offerta que diminue não se eleva, muito economicamente, o preço de todos os productos da actividade humana?... Si difficilmente vivias, enriquecendo-os progressivamente, dia por dia, com as tuas privações, como viverás agora, tendo de comprar por mais e não ganhando nada, ou um terço que ganhavas?... Si tu, ou os teus antecessores, trabalharam durante annos, dando-lhes crescidos lucros, que tem que elles agora se sacrifiquem por ti alguns mezes, conservando-te no trabalho, augmentando o teu salario e não chamando a isso de esmola e sim de dever fraternal?... Isso seria mais do que um dever fraternal: seria a restituição infinitesimal da expoliação a que tens estado sujeito...

Caritativo seria que o mundo official e o mundo do dinheiro supprimissem as suas carruagens e os seus automoveis, odiassem as suas recepções festivas, restringissem os seus banquetes e empregassem o producto dessas economias não em esmolas avilitantes, mas em fontes de trabalho util, onde ganhasses de cabeça erguida o teu pão e o pão dos teus filhos!... Caritativo seria vermos todo o alto funccionalismo publico, que é, em regra geral, rico e poderoso, todos os homens de dinheiro que auferem lucros dos quaes já não precisam mais para viver, dispensarem os ordenados e esses lucros durante esta crise, não para repartil-os em obulos por uma chusma de desocupados a contra-gosto, mas para estimularem a producção e as construcções, afim de que não falte o trabalho e sobrem os productos!... Isto sim, seria caridade louvavel, philanthropia, realmente. Tudo o mais não passa, como já se disse, de um ridiculo ensaio de bondade, cujo fim exclusivo é manter inerte o teu braço, prender-te nas garras da tolerancia pela tua gratidão, homem do trabalho, porque elles sabem muito bem que tu és ingenuo e agradecido, e que, com um simples arremedo de brandura e de enternecimento pelas tuas dores, baixas logo a cabeça, quasi chorando de admiração pela nobreza de alma do teu poderoso irmão.

Até certo ponto antes assim... mas, si, em virtude dos triumphos do capitalismo, assistimos espantados e attonitos á conflagração da Europa, é certo que isto assim não deve continuar.

A nossa «enquête»

Sómente no proximo numero poderemos publicar algo sobre a *enquête* que estamos fazendo a proposito da questão social no Brazil.

A historia geral da Humanidade, e mesmo a historia especial do Brazil, ahi estão para attestar que o dominio da violencia e da fraude não póde ser eterno. Mas póde durar bastante para multiplicar desesperadamente as victimas.

R. Teixeira Mendes.

Se as bayonetas armadas
Escudam a reacção,
Ergam-se as pedras do chão
Para formar barricadas!

Guilherme Braga.

Notas simples

Os alegres rapazes do «Estadinho» quizeram mostrar, no numero de quarta-feira da passada semana, os seus vastos conhecimentos sobre assumptos operarios. Numa macissa e pedantesca nota disseram uma infinidade de chulices a proposito das ultimas gréves de trabalhadores occorridas na capital, entre as quaes chulices sobresae a seguinte, que vale por todas: «Aqui, como em toda a parte, ha *grèves* justas e injustas. Como em toda a parte, estes movimentos podem trazer ou não trazer o cunho de explorações anarchicas ou socialistas.»

Explorações anarchicas?!

Toda a *grève* operaria é justa, pois os trabalhadores, ao declaral-as, têm em vista melhorar as suas condições economicas, sempre precarias, e protestar, ao mesmo tempo, contra a tyrannia capitalistica. Os anarchistas o que fazem — e fiquem-no sabendo os collegiaes do «Estadinho» — é aconselhar aos grevistas o emprego da acção directa e a não darem ouvidos tanto ás pêtas da imprensa como ás pêtas dos patrões. Dahi o seu odio, o seu rancor contra os iconoclastas que trabalham e se esforçam para abater esta carcomida caranguejola, que se chama a ordem burgueza, da qual ordem os pupillos do «Estadinho» são os ultimos e enfezados rebentos.

Mas cautela, meninos. Não vá o borrascoso, dos tempos forçal-os a acolherem-se, precipitadamente, sob as saias das mamãs

Joly.

A guerra

A intervenção do Brazil no medonho conflicto

O que diz uma escriptora

A *Lanterna*, do Rio, está fazendo uma reportagem sobre o momento internacional, registando a opinião das intellectuaes brazileiras.

Por julgal-a interessante, transcrevemos a seguir a opinião da escriptora Gilka da Costa Machado, autora do livro *Crystaes Partidos*, que tanto tem feito falar de si pela invulgaridade de suas ideias.

* * *

«Gilka Machado é uma das primeiras poetizas brazileiras. O seu livro de estréa — «Crystaes partidos» — creou um extraordinario rumor na nosso alambicada e chorosa poesia, consagrando a artista admiravel.

O renome de Gilka Machado continuou com o segundo volume — «Revelação dos perfumes» — e logo depois com esse terceiro livro de versos, magnifico, que é «Estados de alma».

Desejando iniciar a nossa «enquête» com nome aureolado da artista inegualavel das «Impressões do som», fomos ouvil-a em sua residencia.

Gilka, naquella hora matinal, recebêu-nos no seu gabinete verde e azul, como deante da natureza procreadora, entre chilreios mansos de passarinhos.

Falamos de arte, das suas manifestações de belleza, do sentir as emoções vivificadoras e inspiradoras.

Apresentamos as nossas perguntas e Gilka, immediatamente, escreve, respondendo desta maneira sincera, que é bem um dos caracteristicos da sua individualidade:

— Que pensa da entrada do Brazil na guerra?

— Penso que, devido á sua desorganização geral, o Brazil é impotente para entrar em guerra.

— Qual deve ser o papel da mulher brazileira, no caso de um conflicto?

— A mulher brazileira deverá resguardar os seus filhos, fazer com que seus maridos e irmãos desertem e, em caso possivel, fugir, ganhar, com elles, o seio maternal da Natureza, si não quizer chorar pela ruinaria da sua familia.

— Que fará para servir ao Brazil?

— Nada, sem retribuição monetaria. Amo o paiz em que vivo, talvez mais do que todos, pela sua exuberancia natural, pela sua grandeza, pela sua pulchritude, pela sua ardencia, que me corre no sangue; entretanto, os pessimos governos tornaram-n'o insupportavel. Uma nação é um povo, é uma raça; porém esta é apenas um governo e uma diminuta collectividade aristocratica. Defender um paiz em que bem vivemos é defender a mutua commodidade. Mas um pedaço da Terra em que o homem probo vive morrendo, exhausto de trabalho e á mingua de alimento, em que a mulher só tem collocação em troca da sua honra, em que a virtude vive sêcca e esfarrapada e o vicio forte e engalanado, como defendel-o, com que forças, com que estimulo?

Simples opinião, muito sincera e muito pessoal: sempre é perdoavel o máu trato das nossas madrastas, nunca o das nossas mães.

Collaborar numa guerra para satisfazer a ambição de um governo que maltrata o seu povo?...

Defender a minha patria, quando meu lar não tem pão?...

— Que acha da nossa «Cruz Vermelha»?

— Acho que a «Cruz Vermelha» é uma elegante phantasia para a nossa «haute-gomme» se exibir nos chás de caridade...

— Crê na victoria dos alliados?

— Anceio e espero a victoria os alliados.

"A PLEBE" POR AHI AFÓRA

Boas novas de Sorocaba

O Centro de Estudos Sociaes funda uma escola — Conferencia libertaria

E' com satisfação que transmitto aos leitores d'«A Plebe» a grata noticia da creação, nesta cidade, de uma escola racionalista, fundada pelo Centro de Estudos Sociaes e installada em sua séde, á rua Dr. Martins, 5-A.

Está a sua direcção confiada ao companheiro Angelo Bandoni, que manterá aulas diurnas e nocturnas, acceitando alumnos internos, mediante a mensalidade de 35$000.

Essa iniciativa do nosso Centro corresponde aos desejos de muitos camaradas de varias localidades que, agora, têm a possibilidade de confiar os seus filhos a uma escola dirigida por um velho militante do nosso movimento e bastante pratico no delicado mistér de professor.

As aulas tiveram inicio no dia 20 do corrente.

◆ ◆

Domingo passado, o camarada Angelo Bandoni realizou uma conferencia, que teve por thema — «O Porvir da Humanidade», fazendo uma larga exposição do ideal libertario.

O parque da rua dos Morros, gentilmente cedido pelo sr. Pedro Zerbinatti, abrigou uma assistencia bastante numerosa, que deu fartas demonstrações de bom acolhimento ás ideias externadas pelo nosso companheiro.

João Juliano.

◆ ◆

Ecos de Poços de Caldas

Saudando "A Plebe"

Este meu primeiro escripto é apenas uma saudação. Saudo a folha do desassombrado combate a todas as injustiças sociaes, saudo o paladino dos elevados direitos do povo que entra vicejante, destemido na gloriosa luta em prol da immensa phalange de escravos modernos, sujeita a toda a inequidade, a toda a tyrannia capitalista. Saúdo o punhado de altivos e abnegados companheiros que, no marasmo inervante de uma apathia criminosa, no momento em que o vendaval de fogo e sangue ameaça envolver esta parte do continente americano, vencendo as immensas difficuldades hodiernas, levantam uma voz sincera de protesto justo e humano, contra os patrioteiros e açambarcadores que fazem definhar á mingua o povo util, paciente «e espamado». Um bravo, pois, aos redactores d' "A Plebe"

Uranus.

◆ ◆

Ibitiuva grotesca

De como o "materialismo" de um bispo faz peccar o seu rebanho

Ha, pouco distante desta cidade, uma villa em formação, onde, como tem acontecido em outros logares, a primeira coisa de que se tratou foi da construcção de uma igreja afim do beaterio da nascente localidade poder louvar ao seu Deus de gatinhas.

Como, porem, a beatifica gente não considera igreja a que ainda não recebeu a benção bispal, o poviléo de Ibitiuva, assim se chama o lugar em questão-aguardava com corolissima ancia a santa opportunidade da passagem do bispo de S. Carlos para, em solennissima pantomina, realizar a tão desejada cerimonia.

O esperado dia chegou alfim. O zangão-mór da zona esteve em Ibitiuva, *trabalhou* estalfadamente na *caçação* da crisma a 3$000 por cabeça e azulou para outra localidade onde foi esfolar os idiotas deixando os resadores ibitiuvenses assim com cara de quem comeu e não gostou.

De regresso de sua rendosa excursão a Viradouro, o coroado ex-naufrago do *Syrio* sendo novamente convidado a lançar a sua custosa benção a nova igreja, exigiu, segundo affirmam algumas de suas indisciplinadas ovelhas, nada menos de dois contos de réis pela *pesadisima* tarefa!...

Apezar de se tratar de um tonsurado de alto bordo, o pessoal papa-hostias está furibundo, praticando assim um grave peccado!..

Lamenta-se a carolada não ter ainda um logar onde possa purgar-se de seus peccados... Se não nos condemnassem ás massadas...

celestiaes, nós lhes indicariamos um logar muito proprio para isso...

E ahi têm os leitores d' "A Plebe" esta nota grotesca que poderá servir como *mot de la fin* aos trabalhos de feição grave inseridos pela rubra folha.

Pitanguciras, 26-6-917

Ze Ninguem,

Correio plebeu

PIRAJÚ — M. Constantino: Apesar do motivo allegado, continuaremos a remetter o jornal. Trataremos de aproveitar a sua producção.

BARRETOS — Z. Oliva: Maldita bohemia... forçada!... Do que se decidir serás immediatamente informado. Registramos o novo assignante. Os plebeus te saudam.

TAQUARITINGA — S. U. de Oliveira: Pela razão apresentada, não lhe suspendemos a remessa da folha. Não lhe faltará opportunidade de auxiliar o periodico.

SANTOS — S. J.: Acceitamos, sim, desde que se coadune com a indole do jornal, sejam producções sobre assumptos de actualidade e de poucas laudas.

RIO — José Rodrigues: Mandaremos semanalmente os 10 exemplares. Seguiram tambem os pacotes dos 3 numeros anteriores. Se uma boa parte dos camaradas assim procedesse ... Saude!

LYNDOIA — J. B. Galvão: E' com o endereço dessa localidade, e não de Serra Negra, que registrámos sua assignatura.

COLLINA — F. Pace: Está feita a transferencia. E o momento reclama, de facto, a acção de todos os companheiros nas campanhas libertadoras.

SABAÚNA — E. Malhar: Remetteremos um pacote de 15 exemplares de cada numero. Informar-nos-á logo se o devemos augmentar ou reduzir. Saude!

RIO — J. Ignacio: Para que o jornal se apresente variado e, portanto, de leitura agradavel, os trabalhos que insira devem ser o menos longo possivel e tratando, de preferencia, de assumptos palpitantes. De outra vez terá isso em conta.

SANTOS — J. d'Oliveira: A sua poesia foi com vistas ao versejador plebeu, que em relação a coisas rimadas é exigente como os burguezes nas fabricas... Diz elle que versos só sendo bons e que os principiantes devem se exercitar em poucas tiras de prosa simples.

RIO CLARO — C. Gomes: Quando puder, prestar-lhe-á a sua ajuda. Sabe que a nossa não é uma empresa mercantil.

SANTOS — F. Casal: Confiamos o seu hymno ao plebeu frequentador do parnaso... Escreva algo sobre a vida operaria dessa cidade.